



JORNALISMO E VIOLÊNCIA: a representação do adolescente em conflito com a Lei no jornal O Globo

Juliana Santana Santos¹
Antonio Sebastião Silva²

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo compreender as narrativas do jornal impresso O Globo na construção da representação do jovem em conflito com a Lei, tendo como objeto de análise seis reportagens jornalísticas, com o tema central jovem e criminalidade, publicadas no mês de setembro ano de 2015. O jornal, objeto de pesquisa, torna-se importante nesta análise por se tratar de um meio de comunicação de referência no país, com ampla circulação nacional. A metodologia utilizada para as análises das reportagens tem como base a Análise Crítica da Narrativa, desenvolvida por Luiz Gonzaga Motta (2013).

Palavras-chave: representação; menor de idade; criminalidade; narrativa; jornalismo.

Introdução

Nos últimos anos o envolvimento do jovem com a criminalidade vem sendo pautado pela mídia e, conseqüentemente, pela sociedade com muita frequência, devido ao aumento de crimes cometidos por menores de 18 anos, nos grandes centros urbanos. No entanto, quanto à representação desses jovens, observa-se que, em jornais de cunho sensacionalista, eles são identificados como vilões e em sua maioria “adolescentes homens, predominantemente negros e moradores de favelas, com estereótipos bastante delimitados” (PETRY; NASCIMENTO, 2016, p.429).

O poder da mídia de construção da realidade, ao gerar conhecimento, se torna fundamental no processo comunicativo na contemporaneidade com reflexo na ordem social. Deste modo, propomos entender como a grande mídia, o jornal impresso O

1 Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

2 Orientador, Doutor pela Universidade de Brasília (UnB), Mestre pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), professor da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

Globo configura na narrativa a representação do jovem em conflito com a Lei, em reportagens na cidade do Rio de Janeiro.

O Globo, um jornal de referência nacional, com grande número de circulação, ganha importância na formação do pensamento brasileiro, devido à sua capacidade de agendar as demais mídias. Deste modo, com o objetivo de compreender as narrativas do jornal selecionamos seis reportagens com a temática jovem e criminalidade publicadas no mês de setembro, de 2015, período de maior tensão, por estar em pauta no Congresso Nacional, a redução da maioria penal.

O método de análise aplicado foi o narrativo desenvolvido por Luiz Gonzaga Motta (2013), com o intuito de entender como o jovem em conflito com a lei ganha representação nas narrativas jornalísticas, observando também as manobras e articulações do narrador, a fim de descobrir como se dá a legitimação ou deslegitimação do adolescente em conflito com a lei. Para isso, na composição da trama, verifica-se como o jornal classifica seus personagens (fontes do jornal), com atenção na composição dos protagonistas da narrativa, os quais se apresentam como protagonistas e antagonistas, além de os adjuvantes que ganham papel ao lado dos agentes em destaque pelo narrador.

A pesquisa torna-se importante sob o ponto de vista social, pois a observação das narrativas das mídias permite reconhecer o processo das mediações que resultam na delimitação de formas simbólicas, as quais podem "provocar reações, liderar respostas de determinado teor, sugerir caminhos e decisões, induzir a crer e a descrever, apoiar os negócios do estado ou sublevar as massas em revolta" (THOMPSON, 1998, p.46).

Abordagens metodológicas

Quando se trata de um assunto que atinge a todos, a violência simbólica organizada pelos discursos, (BOURDIEU, 2010) produzidos pela mídia, na configuração da narrativa torna-se possível descortinar as intenções e estratégias utilizadas pelo narrador para diálogo e convencimento do público, na coprodução de sentidos.

Para Luiz Gonzaga Motta, as narrativas são dispositivos argumentativos produtores de significados e sua estruturação na forma de relatos obedece a interesses

do narrador (individual ou institucional) em uma relação direta com o seu interlocutor. Conforme descreve o autor, “A narrativa é um instrumento textual argumentativo que tem como função atrair e envolver o leitor, desvelando intencionalidades que lhe são implícitas” (MOTTA, 2013, p.20). Para o autor, trata-se de “uma composição mais heterogênea que homogênea, revelando no processo de sua configuração correlações de poder e disputas pela cocriação e interpretação do sentido público dos eventos” (MOTTA, 2013, p.20).

Portanto ao analisar a narrativa do jornal será possível desvelar as intencionalidades implícitas do narrador jornal e as artimanhas e estratégias utilizadas por ele. A rigor, as narrativas, enquanto objeto e processos de análises, podem ser estudadas em três instancias expressivas, como descreve Motta (2013). São elas: a) o plano de expressão, onde o narrador/jornalista utiliza de estratégias de linguagens para produzir efeitos de sentido; b) o plano da estória³, que se refere ao conteúdo, aos personagens, enquadramento dramático⁴, as intrigas, ao enredo e outros; e, c) o plano da metanarrativa (tema de fundo) que está ligado a fatores abstratos como ideologias, moral, cultura, etc.

A análise da narrativa incide principalmente sobre o plano da estória (o foco está na sequência das ações, encadeamentos, enredo, intriga, conflito, cenários, personagens, seus papéis ou funções, etc.), mas este plano está dependente do plano da expressão. Pois é através da linguagem que muitos destes elementos poderão ser revelados.

O plano da expressão (do discurso) tem importância fundamental na análise porque a retórica escrita, visual ou sonora é fartamente utilizada como recurso estratégico para imprimir tonalidades, ênfases, destacar certos aspectos e imprimir efeitos dramáticos de sentido. (MOTTA, 2013, p.147).

É neste plano que podemos identificar os usos estratégicos da linguagem para produzir determinados efeitos, onde as intencionalidades do narrador com suas

³ Estória sem “H” devido ao processo narrativo do Jornalismo, por considera-lo aquele que descreve os fatos do presente, no tempo dos acontecimentos, responsável por tradução os acontecimentos em forma de notícia. O que demarca seus limites na relação com o campo dos historiadores, com ampla pesquisa e investimento em metodologias científicas, as quais servem de base para o propósito de apresentar verdades.

⁴ No jornalismo, enquadramentos dramáticos repassam a ideia de associação entre personagens (em posições antagônicas ou não). Nesses enquadramentos há uma busca de unidade inteligível. Do caos à ordem. (MOTTA, 2007, p.22).

estratégias discursivas podem ser desveladas, o que exige atenção aos usos de ironias e hipérboles, cujas estratégias são muito utilizadas nas narrativas jornalísticas.

Já o plano da estória é o plano virtual da significação em que uma realidade referente é evocada pelo texto narrativo, através de sequencias de ações cronológicas e causais desempenhadas por personagens, estruturando-se uma intriga - enredo ou trama (MOTTA, 2013, p. 148).

Neste plano iremos investigar a lógica e a sintaxe narrativa, ou até onde elas manifestam intencionalidades do narrador, as ações isoladas, seu encadeamento em sequencias que conformam os episódios, seu encaixe com outras sequências para compor o enredo, a sequência-tipo, o significado diegético de uso pelo narrador de flashbacks e flashforwards, o ritmo imprimido pelo narrador, à caracterização das personagens, a funcionalidade delas no transcurso da estória, os conflitos principais e secundários, o enfrentamento entre protagonistas e antagonistas. (MOTTA, 2013, p.148-149).

O plano da metanarrativa (fabula, tema de fundo, modelos de mundo) é “o plano da estrutura profunda, que evoca imaginários culturais. Como destaca o autor, o plano em que temas ou motivos de fundo ético ou moral integram as ações da estória” (MOTTA, 2013, p.149). Este plano tende a se revelar no final da análise após o desvelamento do plano de expressão e da narrativa. Deste modo, foram analisadas seis reportagens, as quais dividimos em dois episódios, considerando o ponto de virada⁵ da estória.

Insegurança à Beira-Mar

As reportagens analisadas tratam dos conflitos causados pelos frequentes arrastões cometidos por jovens nas praias da Zona Sul. O jornal inicia a narrativa contando que “O cerco a ônibus será retomado”, no título da narrativa em letras garrafais com visibilidade para o leitor no alto da página. O episódio diz respeito à blitz nos ônibus, que possivelmente transporta grande número de menores marginais para as praias da cidade maravilhosa.

⁵ Ponto de virada está relacionado a um fenômeno. Algo que subitamente entra na estória, revelando novos desfechos, quando a trama exige novas performances dos agentes, causando conflitos, se a medida gera novas investidas na estória pelo narrador, portanto, podemos entender como ponto de virada da narrativa.

Os conflitos envolvendo adolescentes infratores deixaram as areias e chegaram aos gabinetes. O secretário estadual de Segurança, José Mariano Beltrame, elevou ontem o tom e disse que sem a colaboração de outros órgãos, como o Ministério Público e Secretarias de Assistência Social, a PM voltará a montar “cercos” nos mesmos moldes realizados em mês anterior, porém que foram proibidos por decisão judicial. (O Globo, 22/09/2015, p. 09).

O personagem de O Globo, Secretário de Segurança do Rio de Janeiro, Luiz Beltrame, conta que, para resolver a violência na capital do estado, deve haver um trabalho em conjunto da polícia com as demais instituições, de modo que os policiais possam fazer um trabalho de prevenção nos ônibus a caminho das praias. “O que nós vamos fazer mais uma vez é trazer os órgãos de fiscalização municipal para que façam a sua função, à qual a polícia foi tolhida de fazer, que é a percepção de jovens em situação de vulnerabilidade” (O Globo, 22/09/2015, p. 09). Assim, o personagem de O Globo como agente da narrativa cobra das instituições uma ação de combate à violência nas praias, com mais rigidez e liberdade para realizar abordagens e prisões. O protagonista do diário carioca ganha destaque na narrativa, a começar com imagem em evidência no meio da capa que abre a edição. Na narrativa interna, o leitor depara com a fotografia do secretário logo abaixo da imagem principal, na qual, um ambulante segura objetos utilizados pelos assaltantes durante os arrastões.

O narrador segue na tessitura da trama com o subtítulo “Ação para evitar ‘Tragédia Maior’”, fazendo referência ao ataque ao ônibus da Zona Norte e possíveis linchamentos que podem vir a acontecer, ainda dando espaço de voz a Beltrame que faz um alerta, “Nós vamos voltar a fazer as ações que hoje entendemos que são mais que preventivas. Se nós não fizermos algo, podemos estar suscitando um problema maior ali na frente” (Idem).

Na disputa entre os personagens no acontecimento-intriga, o Juiz Pedro Henrique Alves titular da 1ª Vara da Infância e da Juventude se posiciona na estória, em conflito com os argumentos do secretário de segurança do Estado. “[...] no final a culpa é do Juiz? Eles têm que agir. Obviamente, o policial não pode prender se não houver suspeita, se não houver indícios de um crime. Não se pode pegar todo mundo indiscriminadamente”. Na sequência, na composição das vozes do narrador, o

Presidente do Tribunal da Justiça reforça o argumento sobre a decisão tomada pela justiça, contra a prisão de jovens suspeitos indiscriminadamente, que chegam à praia. “A decisão da 1ª Vara da Infância e da Adolescência foi absolutamente correta. Não se pode supor que alguém, um grupo de adolescentes, vai à praia para cometer arrastões só porque está num ônibus. Não pode haver essa adivinhação, essa suposição de que haverá um arrastão” (Idem).

A narrativa de O Globo é composta também por uma imagem de um ambulante que segura enormes pedaços de madeira, que supostamente seriam as armas utilizadas pelos assaltantes nos arrastões, reforçando, no entanto, o sentido de que se trata de pessoas extremamente violentas. Deste modo, aumenta a tensão na intriga, entre aqueles que são contrários (Justiça) e a favoráveis (segurança pública) ao endurecimento das medidas contra os menores infratores no Rio de Janeiro.

Ao lado da narrativa uma coluna com várias frases (curtas) opinativas de personagens adjuvantes do narrador sobre os arrastões, todas elas exigem uma ação para solução da violência nas praias, de modo legitimar as afirmações do personagem de O Globo, o secretário de segurança do Estado José Beltrame. Conta o administrador da Galeria River Marcos Cavalcante,

Estamos vendo a falência das autoridades, que não conseguem propiciar o bem-estar da sociedade. Quem tem experiência em defesa pessoal quer ir para a rua. Isso é ruim, pois causa mais animosidade. Precisamos das blitzes. Os jovens apreendidos não têm família; é necessária a presença de assistentes sociais durante as revistas da polícia (O Globo, 22/09/2015, p.09).

Neste momento da estória Beltrame aparece, de fato, com ares de protagonista aquele que quer solução, com ações contra os arrastões, de modo que os jovens infratores vão emergindo como os antagonistas na trama, um obstáculo para o funcionamento da ordem. Neste sentido, representantes da justiça seriam adjuvantes dos antagonistas, pois no modo como a estória é organizada são eles que impedem a polícia de solucionar, prevenir os atos de violência.

No dia seguinte, a narrativa segue o fio da estória, trazendo agora a informação de que a PM fará blitzes com o apoio de assistentes sociais. Os jovens, sem documentos e sem dinheiro, desacompanhados dos pais, como descreve o narrador, serão encaminhados a um abrigo, e, aqueles pegos cometendo delito, encaminhados para a delegacia.

No papel de adjuvante do protagonista, o vice-prefeito do Rio de Janeiro, Adilson Pires conta: “O que houve no Rio no último fim de semana é inaceitável. Todos nós sabemos disso. E o poder público tem que entender que a sociedade espera dele uma ação concreta para devolver a tranquilidade a todos que frequentam as praias do Rio” (O Globo, 23/09/2015, p.14). Na configuração da narrativa, O Globo dá voz ao Prefeito Eduardo Paes, o qual conta em trecho destacado pelo narrador em um olho da narrativa (recurso gráfico do jornal para evidenciar ponto importante da estória): “Não vamos tratar quem instala clima de terror como questão social. A lei permite que as forças de segurança atuem” (Idem). Como estratégia do jornal, com destaques em forma de olho no texto e a repetição da retranca “Insegurança à beira-mar”, em quase todas as estórias da narrativa, expõe para o leitor um cenário de terror, de medo e insegurança, no enquadramento dramático.

Logo abaixo, na página do jornal, ao lado da narrativa principal, um Box (quadro em destaque, em espaço separado da narrativa principal) o narrador apresenta um professor de luta MMA (Idem) reunido com um grupo de lutadores para fazer justiça com as próprias mãos. Os personagens na trama se denominam “Protetores Antiarrastão”. Como diz o professor-lutador, “Alguém tem que agir. Não somos contra os suburbanos, mas contra os maus elementos. Eles têm que ser banidos. Tem que ir em cana e apanhar também. Podemos amarra-los na rua até chegar o camburão” (Idem).

Como deixa a entender a narrativa de O Globo, não se trata de excluir os pobres e vulneráveis – embora reconhece a sua existência – porém, retirar do convívio social apenas os violentos. Como conta a personagem do narrador: “os maus elementos” aqueles que propagam o terror e a desordem. Na narrativa os personagens nas intrigas ganham composição e poder de voz controversa, pois, o narrador não trata o agente da estória como um agressor, como alguém violento, ganha o papel de professor de luta, que defende agressões às gangues (os menores da desordem social), com a performance de um justiceiro.

Na sequência à trama, O Globo utiliza a estratégia da narrativa no tempo pretérito, em flashback, retomando o fato ocorrido na praia do Arpoador, no qual a jovem Edith de 21 anos teve o celular roubado por um jovem menor de idade. Na tessitura da intriga o narrador faz comparações entre o infrator e a vítima, cuja

característica descrita, o jovem aparece mais forte e perigoso em relação à dona do celular, frágil e em desvantagem. Como conta o jornal, “O adolescente de 1,80 m saiu correndo; a jovem, com 1,63 m foi atrás. Imperava o “salve-se quem puder”, apesar do patrulhamento reforçado” (Idem). “Os dois saíram de lugares distantes. Ela de Nilópolis; ele, de Manginhos. De ônibus, ambos venceram quilômetros de distância e chegaram ao Arpoador. Nas areias democráticas, eles se dividiram” (O Globo, 23/09/2015, p. 13, grifo nosso). Na trama, o jornal diz que ambos percorreram um longo caminho até a praia, pertencentes a bairros humildes. Porém, ao chegar à praia tomam rumos diferentes, cujas características os distinguem, bem como seu papel na narrativa. Conforme o enquadramento dramático do narrador, de lados opostos estão a auxiliar de escritório e o “mão leve”. No final, ante a violência, a praia democrática fica na propriedade dos jovens infratores, os “X”, e na segurança reclusa os frágeis protagonistas.

Na configuração da tessitura da diegese, conta o narrador: de short branco, a beira-mar, a auxiliar de escritório Edith Rodrigues Leal, de 21 anos, mal sentiu o bote sutil de X., de 16 anos, que ao vê-la distraída levou seu celular. O “mão leve” acabou sendo capturado por um policial. A história que poderia ser só mais uma numa praia apinhada de gente no fim de semana, retrata as questões sociais e legais envolvidas na polemica sobre apreensão de jovens infratores. X saiu da delegacia para qual foi levado antes de Edith. Autuado por furto simples, que não prevê internação, ele, se quiser, logo estará de volta à praia. Edith por sua vez, já deu Adeus ao mar do Rio, descreve o jornal (O Globo, 23/09/2015, p.13).

Edith Rodrigues Leal, mal sentiu o bote sutil de X, teve o celular roubado, cuja composição da narrativa reforça o papel do jovem infrator como antagonista no conflito, na busca da ordem social, o qual foi preso, porém “Autuado por furto simples, que não prevê internação, ele, se quiser, logo estará de volta à praia” (idem), conta O Globo. Quanto à Protagonista da narrativa do jornal, como personagem da narrativa em enquadramento dramático, afirma que “Nunca mais volto ao Arpoador. Gostava de caminhar à beira-mar, só não mergulhava, porque não sei nadar. Sempre achei bonito demais aquele lugar, que frequento desde os 16 anos, a mesma idade do garoto que me atacou” (Idem), relata a vítima da estória.

Em seguida, a narrativa demonstra em números a apreensão de jovens infratores, que logo depois são liberados pelas famílias.

No entanto, diante do clima tenso das disputas pelo espaço público, o modo de operação da segurança sofreu alteração. Pois, todos os 33 detidos nas confusões registradas em bairros da região foram soltos. Segundo policiais, 90% deles eram adolescentes. No dia seguinte, depois que a temperatura subiu mais, o quadro mudou. O Tribunal de Justiça informou que de 29 adolescentes apreendidos, 13 foram ouvidos em audiência. Desse total apenas um foi liberado. Os outros foram encaminhados à internação. 16 deverão ser ouvidos hoje. (O Globo, 23/09/2015, p.13).

Em seguida o narrador descreve depoimento do delegado titular da 12ª DP (Departamento de Polícia) de Copacabana, Deoclécio de Assis Filho. Ele conta que está impressionado com o número de adolescentes com registros criminais que chegavam à unidade após serem apreendidos, durante revistas nos ônibus pela PM. Na condução do fio da narrativa, no decorrer da trama de O Globo, vai revelando-se os grandes responsáveis pelas violências nas praias, os antagonistas, neste ponto da diegese do Jornal, os adolescentes da Zona Norte.

Durante a estória, o narrador destaca em muitos momentos da narrativa, a ação da polícia em liberar o jovem infrator antes da vítima. “O adolescente levado por policiais militares para a 14ª DP (Leblon) foi liberado assim que seus pais apareceram na delegacia. Pelo Facebook, um PM, que se identificou como integrante do grupo que participou da apreensão de X., comentou que assim como Edith saiu da delegacia depois do infrator” (Idem).

Temos de forma explícita neste momento da estória, o jovem infrator como antagonista, tendo como adjuvante, neste quadro, a justiça, que além de “impedir” o trabalho de prevenção dos policiais, as leis e ordens que são guardiães fazem com que o jovem fique impune aos seus atos de infração. Edith a vítima do assalto se destaca no papel de protagonista e os policiais como os adjuvantes do protagonista, aqueles que colaboram para manutenção da ordem.

O narrador, na composição da imagem da narrativa configura a auxiliar de escritório, Edith Rodrigues, (a vítima) como sorridente, segurando seu celular, objeto do assalto, então, recuperado em uma mão, exibido como troféu. No fundo da imagem em destaque para o leitor, a narrativa do momento ícone do roubo, quando X saca o dispositivo eletrônico do bolso da jovem. De fato, a narrativa traz o efeito de real, e ao

mesmo tempo a construção de sentidos para o leitor, que resulta em revolta por tamanha desorganização social, com violência na praia do Rio de Janeiro, local em que a jovem, enquanto caminha despreziosamente é roubada. No entanto, o narrador reproduz a satisfação pela justiça, que recupera aparelho da vítima, mas acompanha ao mesmo tempo, na diegese do narrador, o sentido da impunidade e insegurança. Pois, apesar da atuação da polícia, nada aconteceu ao infrator – como se podia esperar - que continua livre, podendo atacar novamente, neste contexto, nas praias democráticas da cidade maravilhosa.

Dando sequência a narrativa o narrador retoma novamente em flashback, o caso do adolescente que roubou o celular da auxiliar de Escritório, Edith Rodrigues, desta vez com o depoimento da mãe do jovem infrator X. Como descreve O Globo no título, na voz de sua personagem, “Ele não precisa roubar” (O Globo, 26/09/2015, p. 12), diz a mãe do rapaz flagrado atacando a jovem”. Contudo, segue na linha fina, “Adolescente detido domingo no Arpoador afirma que agiu ‘por prazer’”. Como estratégia da narrativa, no contraste nas vozes dos personagens, no enquadramento dramático provoca sensações (raiva e indignação) no leitor, na formação de coprodução de sentidos para a violência urbana, no Rio de Janeiro.

“Ele não precisa roubar” diz a mãe do garoto, na narrativa do jornal na sequência da narrativa. Contudo, como personagem da trama, o jovem antes conhecido pelos leitores como X em estória pretérita do narrador, agora chamado de Z, conta que “Eu roubei porque quis, por prazer” (Idem) ao ser flagrado pela Equipe Globo, subtraindo o celular da auxiliar de escritório na praia. A imagem ícone da narrativa que ressurgue – com frequência ao longo da estória - na página do jornal em destaque, gerando efeito de enquadramento dramático para o interlocutor da narrativa.

Como revela o narrador, “A madrasta de Z. diz que o pai costumava lhe comprar roupas de marca e celular. Pouco antes da briga que o adolescente teve com o pai por decidir parar os estudos, teria lhe dado um vídeo game de última geração” (Idem). Na sequência, na ordenação da diegese e performance dos personagens, o narrador conta que “A indesejável notoriedade, que ele ganhou ao ter a imagem do delito divulgada, levou-o a postar no Facebook, com tom de ironia: ‘Que isso, não sabia que tava famoso assim, não’” (O Globo, 26/09/2015, p. 12, grifo nosso).

Na estória de O Globo, na voz do personagem, o jornal conta que “Muita gente de outros estados postou no meu Face. Falaram assim: ‘Esse menino é um marginal, um perigo para a sociedade’” – disse o jovem com um sorriso de canto de boca” (Idem). O narrador atribui detalhes na personalidade do agente da narrativa, de modo a colaborar para, por certo, caracterizá-lo, como um personagem perverso, deixando a entender ao leitor que o garoto gosta e sente prazer em ser reconhecido, ironicamente, como na condição de infrator da Lei.

O personagem Z não é um jovem qualquer, porém, como descreve o jornal carioca, ele já estudou em colégio particular, ganhava do pai roupas de marca, celular e vídeo game de última geração. O roubo seria simplesmente por prazer como forma de prazer sugere a narrativa. O narrador insiste na definição precisa da configuração do seu personagem. “No domingo passado Z. saiu de casa às 11h. Ele conta que pegou o metrô com a irmã e que ela pagou a sua passagem. A mãe, no entanto, nega, afirmando que a filha não saiu com ele” (Idem). Como descreve O Globo, Z não conta a verdade, de modo a assumir o papel de antagonista, enquanto a mãe cuidadora configura-se neste episódio, como protagonista do narrador, aquela que diz a verdade, cuja família compra roupas de marca.

Após reproduzir a imagem do roubo do celular, a mãe conta que, “Quando vi a cena, fiquei com vergonha. Não concordo com o que meu filho fez. Ele não pode viver fazendo mal aos outros” (Idem).

Desta maneira, através dos depoimentos da família que se mostra íntegra e educadora, o próprio adolescente é deslegitimado nos argumentos de personagens das narrativas anteriores, cuja versão se revela defensores da ordem, seguida por determinada da justiça, com efeitos sobre os jovens que se comportam a margem da Lei.

Reviravolta

No último episódio, a trama do jornal relaciona a operação policial responsável pela ordem social. A matéria cujo título “Farsa descoberta” (O Globo, 30/09/2015, p.10) descreve um assassinato cometido por policiais. Um casal de moradores do Morro da Providência filma quando policiais matam a queima roupa um adolescente de 17 anos, após jovem ter se rendido à abordagem. Como conta o narrador, os policiais tentam

alterar a cena do crime, colocando uma arma na mão do menor já quase morto e realizam disparos para simular um confronto.

Foram cerca de três minutos. De filme de terror. No chão, está o corpo de um jovem numa poça de sangue. Ao redor, quatro PMs, três mais próximos do adolescente – conhecido como pintinho, pardo com cabelos descoloridos, que ainda estaria vivo – e um quarto mais afastado. Eles alteraram o local do crime como se ajeitassem o cenário de uma gravação. O “confronto” está prestes a começar. O PM mais distante da cena principal dá um tiro para o alto. Um outro ajoelhado, pega uma arma que, depois de limpa, é colocada na mão do baleado e disparada. O quase morto dá um, dois tiros, o que deverá garantir as marcas de pólvora na pele. Feito o simulacro, o policial joga a mão inerte do suspeito, cuja vida se esvaia. Fim. (O Globo, 30/09/2015, p. 10, grifo nosso).

No enquadramento dramático, o narrador envolve o leitor na narrativa através da comoção ao detalhar a cena do crime e, na posição de agente da narrativa, condena a ação dos policiais. “As imagens expuseram uma polícia violenta e corrupta que ainda resiste ao programa de pacificação” (Idem). Mais adiante o Jornal carioca conta pela primeira vez identificando pelo nome um personagem marginalizado, “O assassinato público de Eduardo Felipe Santos Victor, de 17 anos, ganhou as redes sociais, e as imagens chocantes amplificaram seu alcance” (Idem). No entanto, o narrador conta que o secretário de Segurança José Mariano Beltrame, no papel de protagonista da narrativa, repudiou por nota a ação dos policiais e determinou “punição exemplar dos responsáveis” (Idem). O jornal na diegese descreve que não se trata deste tipo de repressão ou abordagem, que o secretário de segurança pública do Rio de Janeiro defende.

O Globo conta que o porta-voz das UPPs, coronel Ivan Blaz, foi categórico ao afirmar que a acusação contra os policiais, merecia “Punição imediata”. (O Globo, 30/09/2015, p.10).

Adiante, a narrativa traz a informação de que antes do vídeo ser divulgado, a versão da polícia seria a de troca de tiros, pois, durante um patrulhamento os policiais se depararam com criminosos armados, que dispararam contra a equipe. Como resultado o ferimento do jovem que veio a falecer. A afirmação da polícia é desmentida na narração

do vídeo feito pelo morador: “Ele levantou a mão e o ‘cana’ deu de queima-roupa. Olha lá mexendo no garoto, mexendo no garoto” (Idem).

Na composição da narrativa do episódio, os policiais envolvidos no crime aparecem no papel de antagonistas, sendo atacado pelo Promotor Paulo Roberto Mello Cunha, da Auditoria Militar, o qual conta que “Uma fraude processual como essa, evidentemente, já indica que ocorreu um homicídio e que não houve confronto” (Idem). No entanto, quando questionado, o pai do jovem morto diz que não vai mover uma ação na justiça contra o Estado. “Eu só quero enterrar meu filho em paz. Não quero mais nada”. (Idem).

Na sequência, o narrador revela informações sobre o histórico criminal de pintinho, personagem de O Globo, definindo sua performance na diegese, não exatamente de vítima da estória, porém destacando o relato da própria polícia, que anteriormente foi deslegitimada. “De acordo com a Polícia Civil, o adolescente tem três anotações criminais: por tráfico de drogas, injúria e ameaça” (Idem). Na condução do fio da narrativa, o narrador descreve que,

No entanto um tio do adolescente se apresentou como advogado, afirmou que o jovem não tinha envolvimento com o crime organizado. Segundo ele o rapaz que tinha oito irmãos – seis por parte de pai -, era estudante da rede estadual (O Globo, 30/09/2015, p.10).

A narrativa composta por três imagens, no topo da página, do lado esquerdo, uma fotografia configurando três policiais, dois negros e um branco, chegando à delegacia, com expressão de assustados. Do lado direito da página, cenas do vídeo que mostram os policiais alterando a cena do crime, disparando o revólver da mão do adolescente já desfalecido. No centro da página surge a imagem da vítima sem camisa, sorrindo, gesticulando um sinal de paz com os dedos.

Considerações Finais

As notícias sobre violência na mídia são tratadas de modo superficial, sendo exibidos apenas os fatos de maneira imediata, sobressaindo a violência representada (SODRÉ, 2002), deixando de lado questões mais complexas, como a violência do Estado, desigualdade social e outros fatores.

Nos casos de menores em conflito com a lei, com destaque nas mídias, são recorrentes as notícias com aparência de instabilidade social, de um fenômeno de violência sem controle, o que causa impacto nas relações e decisões sociais, por gerarem um grande poder de efeito dramático de violência, reproduzido pelo jornalismo, com reflexo no público brasileiro de instabilidade social.

Ao analisar a representação do jovem em conflito com a lei, a partir das narrativas do jornal impresso O Globo, objeto desta pesquisa, pode-se notar que o jovem infrator é representado como antagonista da história, na medida em que ele disputa com os demais personagens pelo espaço público. O jornal carioca, na composição dos enquadramentos dramáticos, o aponta como aquele que provoca a desordem no convívio social, portanto, faz entender o leitor, serem os responsáveis pelas violências nas praias da Zona Sul, sempre representado como violento perigoso. Geralmente o antagonista é morador da periferia, em quadro de vulnerabilidade socioeconômico, sem poder de voz na narrativa e sem atribuição de um nome, mesmo que fictício, sendo reconhecido apenas por uma letra, ora como X, outro Z, como se mostrou o caso de garoto ícone da narrativa. O Globo revela na história outra convicção sobre o professor de luta, que mesmo não sendo identificado pelo próprio nome, passa a ser conhecido como Rodrigo. Seus adjuvantes (dos antagonistas), por sua vez, que defendem a convivência no espaço democrático são deslegitimados ou tem seu discurso esquecido no decorrer da trama.

O narrador trata o envolvimento do jovem com a criminalidade de forma superficial, se atendo apenas ao fato em si, com apresentação de números, que se mostram objetivos na configuração da violência, aos arrastões, deixando nas sombras fatores relevantes, como a responsabilidade do Estado e da Sociedade sobre o adolescente, em muitos momentos questionados por vozes de personagens em conflitos na trama, os quais não são legitimados pelo narrador na configuração da diegese.

Na composição da narrativa, o narrador lança mão de estratégias para legitimar protagonistas, os quais são os defensores da ordem e de punições mais rígidas para o menor infrator. O Secretário de Segurança Beltrame se destaca no papel de herói, que, no enfrentamento de vozes, irá defender mais liberdade nas ações policiais, para que possa fazer um trabalho de “prevenção”, identificando adolescentes

indiscriminadamente, considerando-os em estado de vulnerabilidade, por isso, impedindo-os que cheguem à praia. E a vítima de um assalto no Arpoador, Edith Rodrigues Leal, auxiliar de escritório, recebe o papel do narrador de uma heroína que investe rapidamente contra o antagonista na estória, chama a polícia, identifica o infrator que vai preso, colaborando para a solução imediata da ordem social.

No entanto, no último episódio a narrativa passa por uma reviravolta desvelando a visão de mundo de O Globo, cujo ponto de virada relaciona a violência a crime cometido pela polícia, levando o narrador a reconfigurar a composição da narrativa, tornando o jovem infrator antes antagonista em protagonista e a polícia em antagonista da estória por atacar a Lei, abalando o ideal de ordem social criado na diegese da estória do jornal carioca.

No entanto para descobrimos como será reconfigurada a narrativa a partir deste fenômeno, necessitaríamos de ampliar o recorte das análises e um período de tempo maior, ficando assim para pesquisas futuras, onde poderemos desenvolver outros pontos deste amplo tema.

Finalmente, torna-se de nosso interesse a análise da narrativa dos meios de comunicação, por entender que este estudo nos faz compreender os discursos hegemônicos presentes na sociedade, em razão de configuração da diegese das mídias, com seu poder simbólico e enquadramento dramático na busca de coprodução de sentido com o público leitor.

Referências

- BOURDIEU. Pierre. **O poder Simbólico**. 14ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- FOUCAULT. Michel. **Microfísica do Poder**. 8ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **ENQUADRAMENTOS LÚDICODRAMÁTICOS NO JORNALISMO**: mapas culturais para organizar conflitos políticos. Porto Alegre – RS, UFRGS, 2007.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da Narrativa**. Editora UNB, 2013.
- O GLOBO. **Cresce participação de crianças e adolescentes em crimes**. Disponível em:<<http://oglobo.globo.com/brasil/cresce-participacao-de-criancas-adolescentes-em-crimes-8234349>> Acesso em: 26 de agosto de 2016.

PETRY, Heloísa; NASCIMENTO, Deise Maria do. “**Tá com dó? Leva pra casa!**” Análise dos discursos favoráveis à redução da maioria penal em rede social. *Psicol. Cienc. Prof*, Brasília, v.36, n2, p.426-438, Jun. 2016.

SODRÉ, Muniz. **Sociedade, Mídia e Violência**. Porto Alegre-RS: Sulina Edipucrs, 2002.

THOMPSON, **Mídia e Modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis-RJ Vozes, 1998.